



Universidade da Amazônia

# Lira dos Vinte Anos

de Álvares de Azevedo



**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

## Lira dos Vinte Anos

de Álvares de Azevedo

Cantando a vida, como o cisne a morte.

*BOCAGE*

*Dieu, amour et poésie sont les trois mots que je voudrais seuls graver sur ma pierre,  
si je mérite une pierre.*

*LAMARTINE*

São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá não têm a doçura dos seus cânticos de amor.

É uma lira, mas sem cordas; uma primavera, mas sem flores; uma coroa de folhas, mas sem viço.

Cantos espontâneos do coração, vibrações doridas da lira interna que agitava um sonho, notas que o vento levou — como isso dou a lume essas harmonias.

São as páginas despedaçadas de um livro não lido...

E agora que despi a minha musa saudosa dos véus do mistério do meu amor e da minha solidão, agora que ela vai seminua e tímida, por entre vós, derramar em vossas almas os últimos perfumes de seu coração, ó meus amigos, recebei-a no peito e amai-a como o consolo, que foi, de uma alma esperançosa, que depunha fé na poesia e no amor — esses dois raios luminosos do coração de Deus.

À MINHA MÃE

Se a terra é adorada, a mãe não é mais  
digna de veneração.  
*Digest of hindu law.*

Como as flores de uma árvore silvestre  
Se esfolham sobre a leiva que deu vida  
A seus ramos sem fruto,  
Ó minha doce mãe, sobre teu seio  
Deixa que dessa pálida coroa  
Das minhas fantasias  
Eu desfolhe também, frias, sem cheiro,  
Flores da minha vida, murchas flores  
Que só orvalha o pranto!

PRIMEIRA PARTE

NO MAR

*Les étoiles s'allument au ciel, et la brise du soir erre doucement parmi les fleurs:  
rêvez, chantez et soupirez.*

GEORGE SAND

Era de noite: — dormias,  
Do sonho nas melodias,  
Ao fresco da viração,  
Embalada na falua,  
Ao frio clarão da lua,  
Aos ais do meu coração!

Ah! que véu de palidez  
Da langue face na tez!  
Como teus seios revoltos  
Te palpitavam sonhando!  
Como eu cismava beijando  
Teus negros cabelos soltos!

Sonhavas? — eu não dormia;  
A minh'alma se embebia  
Em tua alma pensativa!  
E tremias, bela amante,  
A meus beijos, semelhante  
Às folhas da sensitivas!

E que noite! que luar!  
E que ardentias no mar!  
E que perfumes no vento!  
Que vida que se bebia  
Na noite que parecia  
Suspirar de sentimento!

Minha rola, ó minha flor,  
Ó madressilva de amor,  
Como eras saudosa então!  
Como pálida sorrias  
E no meu peito dormias  
Aos ais do meu coração!

E que noite! que luar!  
Como a brisa a soluçar  
Se desmaiava de amor!  
Como toda evaporava  
Perfumes que respirava  
Nas laranjeiras em flor!

Suspiravas? que suspiro!  
Ai que ainda me deliro  
Entrevendo a imagem tua  
Ao fresco da viração,

Aos ais do meu coração,  
Embalada na falua!

Como virgem que desmaia,  
Dormia a onda na praia!  
Tua alma de sonhos cheia  
Era tão pura, dormente,  
Como a vaga transparente  
Sobre seu leito de areia!

Era de noite — dormias,  
Do sonho nas melodias,  
Ao fresco da viração;  
Embalada na falua,  
Ao frio clarão da lua,  
Aos ais do meu coração.

## SONHANDO

*Hier, la nuit d'été, que nous prêtait ses voiles,  
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles!*

VICTOR HUGO

Na praia deserta que a lua branqueia,  
Que mimo! que rosa! que filha de Deus!  
Tão pálida... ao vê-la meu ser devaneia,  
Sufoco nos lábios os hálitos meus!  
Não corras na areia,  
Não corras assim!  
Donzela, onde vais?  
Tem pena de mim!

A praia é tão longa! e a onda bravia  
As roupas de gaza te molha de espuma...  
De noite, aos serenos, a areia é tão fria...  
Tão úmido o vento que os ares perfuma!  
És tão doentia...  
Não corras assim...  
Donzela, onde vais?  
Tem pena de mim!

A brisa teus negros cabelos soltou,  
O orvalho da face te esfria o suor,  
Teus seios palpitam — a brisa os roçou,  
Beijou-os, suspira, desmaia de amor!  
Teu pé tropeçou...  
Não corras assim...  
Donzela, onde vais?

Tem pena de mim!

E o pálido mimo da minha paixão  
Num longo soluço tremeu e parou,  
Sentou-se na praia, sozinha no chão,  
A mão regelada no colo pousou!  
Que tens, coração  
Que tremes assim?  
Cansaste, donzela?  
Tem pena de mim!

Deitou-se na areia que a vaga molhou.  
Imóvel e branca na praia dormia;  
Mas nem os seus olhos o sono fechou  
E nem o seu colo de neve tremia...  
O seio gelou?...  
Não durmas assim!  
O pálida fria,  
Tem pena de mim!

Dormia: — na frente que níveo suar...  
Que mão regelada no lânguido peito...  
Não era mais alvo seu leito do mar,  
Não era mais frio seu gélido leito!  
Nem um rressonar...  
Não durmas assim...  
O pálida fria,  
Tem pena de mim!

Aqui no meu peito vem antes sonhar  
Nos longos suspiros do meu coração:  
Eu quero em meus lábios teu seio aquestrar,  
Teu colo, essas faces, e a gélida mão...  
Não durmas no mar!  
Não durmas assim.  
Estátua sem vida,  
Tem pena de mim!

E a vaga crescia seu corpo banhando,  
As cândidas formas movendo de leve!  
E eu vi-a suave nas águas boiando  
Com soltos cabelos nas roupas de neve!  
Nas vagas sonhando  
Não durmas assim...  
Donzela, onde vais?  
Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas águas do mar  
Brilhava tão branca no límpido véu...

Nem mais transparente luzia o luar  
No ambiente sem nuvens da noite do céu!  
Nas águas do mar  
Não durmas assim...  
Não morras, donzela,  
Espera por mim!

*CISMAR*

Fala-me, anjo de luz! és glorioso  
À minha vista na janela à noite  
Como divino alado mensageiro  
Ao ebrioso olhar dos frouxos olhos  
Do homem, que se ajoelha para vê-lo,  
Quando resvala em preguiçosas nuvens,  
Ou navega no seio do ar da noite.

*ROMEU*

Ai! quando de noite, sozinha à janela  
Co'a face na mão te vejo ao luar,  
Por que, suspirando, tu sonhas, donzela?  
A noite vai bela,  
E a vista desmaia  
Ao longe na praia  
Do mar!

Por quem essa lágrima orvalha-te os dedos,  
Como água da chuva cheiroso jasmim?  
Na cisma que anjinho te conta segredos?  
Que pálidos medos?  
Suave morena,  
Acaso tens pena  
De mim?

Donzela sombria, na brisa não sentes  
A dor que um suspiro em meus lábios tremeu?  
E a noite, que inspira no seio dos entes  
Os sonhos ardentes,  
Não diz-te que a voz  
Que fala-te a sós  
Sou eu?

Acorda! Não durmas da cisma no véu!  
Amemos, vivamos, que amor é sonhar!  
Um beijo, donzela! Não ouves? no céu  
A brisa gemeu...  
As vagas murmuraram...  
As folhas sussurram:  
Amar!

AI JESUS!

Ai Jesus! não vês que gemo,  
Que desmaio de paixão  
Pelos teus olhos azuis?  
Que empalideço, que tremo,  
Que me expira o coração?

Ai Jesus!

Que por um olhar, donzela,  
Eu poderia morrer  
Dos teus olhos pela luz?  
Que morte! que morte bela!  
Antes seria viver!

Ai Jesus!

Que por um beijo perdido  
Eu de gozo morreria  
Em teus níveos seios nus?  
Que no oceano dum gemido  
Minh'alma se afogaria?

Ai Jesus!

ANJINHO

*And from her fair and unpolluted flesh  
May violets spring!  
HAMLET*

Não chorem... que não morreu!  
Era um anjinho do céu  
Que um outro anjinho chamou!  
Era uma luz peregrina,  
Era uma estrela divina  
Que ao firmamento voou!

Pobre criança! Dormia:  
A beleza reluzia  
No carmim da face dela!  
Tinha uns olhos que choravam,  
Tinha uns risos que encantavam!...  
Ai meu Deus! era tão bela.

Um anjo d'asas azuis,  
Todo vestido de luz,  
Sussurrou-lhe num segredo  
Os mistérios doutra vida!  
E a criança adormecida

Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo! que ainda o mundo  
O lábio visguento, imundo,  
Lhe não passara na roupa!  
Que só o vento do céu  
Batia do barco seu  
As velas d'ouro da poupa!

Tão cedo! que o vestuário  
Levou do anjo solitário  
Que velava seu dormir!  
Que lhe beijava risonho  
E essa florzinha no sonho  
Toda orvalhava no abrir!

Não chorem! lembro-me ainda  
Como a criança era linda  
No fresco da facezinha!  
Com seus lábios azulados,  
Com os seus olhos vidrados  
Como de morta andorinha!

Pobrezinho! o que sofreu!  
Como convulso tremeu  
Na febre dessa agonia!  
Nem gemia o anjo lindo,  
Só os olhos expandindo  
Olhar alguém parecia!

Era um canto de esperança  
Que embalava essa criança?  
Alguma estrela perdida,  
Do céu c'roadada donzela...  
Toda a chorar-se por ela  
Que a chamava doutra vida?

Não chorem... que não morreu!  
Que era um anjinho do céu  
Que um outro anjinho chamou!  
Era uma luz peregrina,  
Era uma estrela divina  
Que ao firmamento voou!

Era uma alma que dormia  
Da noite na ventania  
E que uma fada acordou!  
Era uma flor de palmeira  
Na sua manhã primeira



Que um céu d'inverno murchou!

Não chorem! abandonada  
Pela rosa perfumada,  
Tendo no lábio um sorriso,  
Ela se foi mergulhar  
— Como pérola no mar —  
Nos sonhos do paraíso!  
Não chorem! chora o jardim  
Quando marchado o jasmim  
Sobre o seio lhe pendeu?  
E pranteia a noite bela  
Pelo astro ou a donzela  
Mortos na terra ou no céu?

Choram as flores no afã  
Quando a ave da manhã  
Estremece, cai, esfria?  
Chora a onda quando vê  
A boiar um irerê  
Morta ao sol do meio-dia?

Não chorem!... que não morreu!  
Era um anjinho do céu  
Que um outro anjinho chamou!  
Era uma luz peregrina,  
Era uma estrela divina  
Que ao firmamento voou!

### ANJOS DO MAR

As ondas são anjos que dormem no mar,  
Que tremem, palpitam, banhados de luz...  
São anjos que dormem, a rir e sonhar  
E em leito d'escuma revolvem-se nus!

E quando, de noite, vem pálida a lua  
Seus raios incertos tremer, pratear...  
E a trança luzente da nuvem flutua...  
As ondas são anjos que dormem no mar!

Que dormem, que sonham... e o vento dos céus  
Vem tépido, à noite, nos seios beijar!...  
São meigos anjinhos, são filhos de Deus,  
Que ao fresco se embalam do seio do mar!

E quando nas águas os ventos suspiram,  
São puros fervores de ventos e mar...

São beijos que queimam... e as noites deliram  
E os pobres anjinhos estão a chorar!

Ai! quando tu sentes dos mares na flor  
Os ventos e vagas gemer, palpitar...  
Por que não consentes, num beijo de amor,  
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

I

Tenho um seio que delira  
Como as tuas harmonias!  
Que treme quando suspira,  
Que geme como gemias!

II

Tenho músicas ardentes,  
Ais do meu amor insano,  
Que palpitam mais dormentes  
Do que os sons do teu piano!

III

Tenho cordas argentinas  
Que a noite faz acordar,  
Como as nuvens peregrinas  
Das gaivotas do alto mar!

IV

Como a teus dedos lindinhos  
O teu piano gemer,  
Vibra-me o seio aos dedinhos  
Dos anjos louros do céu!

V

Vibra à noite no mistério  
Se o banha o frouxo luar,  
Se passa teu rosto aéreo  
No vaporoso sonhar!

VI

Como tremem teus dedinhos  
O saudoso piano teu,  
Vibram-me n'alma os anjinhos,  
Os anjos loiros do céu!

A CANTIGA DO SERTANEJO

*Love me, and leave me not.*  
*SHAKESPEARE, Merch. Of Venice*

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

